

## **Interconexões Vivas Com os Animais e a Natureza – Greta Gaard**

(In: GAARD, Greta (ed). *Ecofeminism: women, animals, nature*. Philadelphia: Temple University Press, 1993)

*Teoria – a percepção de padrões que mostram tanto a floresta quanto as árvores – a teoria pode ser um orvalho que sobe da terra e se acumula nas nuvens de chuva e retorna à terra várias e várias vezes. Mas se ele não guardar o cheiro da terra, não será benéfico para ela.*

### **Adrienne Rich “Notes Toward a Politics of Location”**

O ecofeminismo é uma teoria que evoluiu a partir de vários campos do ativismo e da investigação feminista: dos movimentos pela paz, dos movimentos trabalhistas, do cuidado em saúde da mulher e dos movimentos anti-nuclear, ambientalista e pela libertação dos animais. Recorrendo aos aprendizados da ecologia, do feminismo e do socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é a de que a ideologia que autoriza opressões como as baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécie é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza. O ecofeminismo convoca o fim de todas as opressões, argumentando que nenhuma tentativa de libertar as mulheres (ou qualquer outro grupo oprimido) terá sucesso se não houver uma tentativa igual para libertar a natureza. Sua base teórica é um sentido de identidade mais comumente expresso pelas mulheres e por vários outros grupos não dominantes – uma identidade que está interconectada com toda a vida.

Em sua análise da opressão, socialistas, ativistas pela libertação animal, ecologistas e feministas traçam uma distinção entre grupos privilegiados e grupos oprimidos, distinção na qual os privilegiados são humanos, de classe média ou alta, “desenvolvidos” tecnologicamente e industrialmente e homens, enquanto que os oprimidos são pessoas pobres ou da classe trabalhadora, animais não-humanos, a natureza “subdesenvolvida” e mulheres, respectivamente. O ecofeminismo descreve o referencial que autoriza essas formas de opressão como sendo o patriarcado, uma ideologia cuja distinção fundamental eu/outro é baseada num sentido de identidade separativista, atomista.

Como os estudos de Nancy Chodorow e Carol Gilligan têm repetidamente mostrado, um sentido de identidade como algo separado dos demais é mais comum nos homens, enquanto um sentido de identidade interconectada é mais comum em mulheres. Essas concepções de identidade também são a base para dois diferentes sistemas éticos: a identidade separada com frequência opera na base de uma ética de direitos e justiça, sendo que a identidade interconectada toma decisões com base numa ética de responsabilidade e cuidado. É incerto se estas concepções e seus correspondentes sistemas éticos são inatos ou culturalmente herdados. Gilligan notou que ainda que ambos os sexos tenham a habilidade de acessar ambos os tipos de raciocínio moral, o “foco” é particularmente baseado em gênero: ou seja, homens tendem a se focar em direitos, enquanto as mulheres tendem a se focar em responsabilidades. O que é certo é que a falha em reconhecer conexões pode levar à violência e que este sentido de identidade desconectado está, muito certamente, na raiz da atual crise ecológica (sem mencionar que também está na raiz de todas as opressões, que estão baseadas na diferença).

É senso comum que a ética baseada nos direitos (mais característica de culturas dominadas por homens, ainda que as mulheres também possam partilhar desta visão) evoluiu de um senso de

identidade como sendo separada e existente em uma sociedade de indivíduos que precisam ser protegidos uns dos outros na competição por recursos escassos. Em contraste, Gilligan descreve uma abordagem diferente, mais comum entre as mulheres, na qual “o problema moral emerge de responsabilidades conflitantes e não de direitos que competem entre si e que requerem, para sua resolução, um modo de pensar que é contextual e narrativo, e não formal e abstrato. A concepção de moralidade como estando relacionada à atividade do cuidado relaciona o desenvolvimento moral à compreensão da responsabilidade e das relações, assim como a concepção de moralidade como justiça amarra o desenvolvimento moral à compreensão de direitos e regras”. Similarmente, o livro de Karen Warren “Em Direção à uma Ética Ecofeminista” [tradução livre] descreve oito condições fronteiriças de uma ética feminista; ou seja, condições dentro das quais as decisões tomadas podem ser consideradas alinhadas com uma postura feminista. Estas condições incluem coerência com um determinado referencial histórico e contextual que valoriza e enfatiza os seres humanos em relação, nega o individualismo abstrato e oferece um guia para a ação. As análises de Gilligan e Warren indicam que o ecofeminismo, que afirma a interconexão fundamental de toda a vida, oferece uma base apropriada para uma teoria ética ecológica para mulheres e homens que não opera com base na separação eu/outro.

Em resumo, essa construção psicológica – e política – da identidade e o sistema ético associado a ela explicam as razões pelas quais as ecofeministas não percebem suas preocupações completamente contempladas em outros ramos do movimento ambientalista. Ainda que algumas possam concordar com os ecologistas sociais, por exemplo, em relação à causa principal de toda a opressão estar na hierarquia, as ecofeministas tendem a acreditar que a hierarquia surge como resultado da oposição eu/outro.

O senso de identidade interconectada ecofeminista requer que criemos uma teoria que possibilite, tão completamente quanto possível, uma análise global e inclusiva da opressão. Para que isso aconteça, teóricas devem se encontrar com ativistas para trocar informações e criar estratégias políticas; idealmente, teóricas devem também ser ativistas, assim, atingindo o objetivo da criação de uma práxis ecofeminista. Em novembro de 1991 teve lugar um encontro de teóricas e ativistas preocupadas com o destino das mulheres e da terra, o World Women’s Congress for a Healthy Planet. Em Miami, Florida, mais de mil mulheres de todo o mundo se reuniram para criar uma agenda de ação feminina para ser apresentada na Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e o Desenvolvimento, em 1992. Durante essa conferência, vários dos tópicos citados eram de interesse do ecofeminismo. Eles incluíram o crescimento populacional, economia global, o débito do terceiro mundo, a ideologia do desenvolvimento, destruição ambiental, fome mundial, escolha reprodutiva, falta de moradias, militarismo e estratégias políticas para criar mudanças globais.

Muitas palestrantes respeitadas trouxeram a mesma mensagem: a terra está num ponto de virada e os esforços das mulheres são críticos em nossa época. “As coisas não irão simplesmente acontecer”, Wangari Maathai disse aos participantes. “As mulheres precisam fazer com que elas aconteçam”. “Cabe a nós”, disse Vandana Shiva, “e não aos chefes de estado no Rio”. Uma das participantes da oficina de Marilyn Waring sobre economia global falou ainda mais eloquentemente: “O que vocês estão assinando aqui”, ela disse, “se vocês realmente se preocupam com as questões planetárias, é uma sentença perpétua. A capacidade de lamentar e então fazer alguma coisa é extremamente valiosa. Queremos lembrar que as emoções são coisas que valorizamos. Criar mudança globalmente – isso não é algo que se faça no nosso tempo livre. Temos que vivê-la”.

Em 1983 surgiu a primeira coleção de ensaios sobre ecofeminismo: *Reclaim the Earth: Women Speak Out for Life on Earth*, editado por Leonie Caldecott e Stephanie Leland, e publicada pela Women's Press de Londres. Nesta coleção, o "imperativo ecofeminista" foi definido pela primeira vez por Ynestra King, e os capítulos seguintes descreviam o ecofeminismo como uma teoria e uma prática cujas várias manifestações incluíam o ativismo anti-nuclear, o movimento internacional pela saúde da mulher, os direitos das mulheres e da terra e a fome no mundo. A coleção incluía o Unity Statement of the Women's Pentagon Action USA, um documento adotado pelas organizadoras dos maiores protestos femininos desde 1968. Wangari Maathai descreveu o trabalho de mulheres no Quênia, cuja luta contra o desflorestamento está intimamente ligada à sua própria sobrevivência; Anita Anand descreveu o movimento Chipko na Índia. A partir desta primeira coleção, portanto, o ecofeminismo tem se preocupado com questões globais

Seguindo o trabalho de Caldecott e Leland, *Healing the Wounds: the promise of ecofeminism*, de Judith Plant, surgiu em 1989; *Reweaving the World: the emergence of ecofeminism*, de Irene Diamond e Gloria Orenstein, em 1990. A obra de Plant se dedica a quatro aspectos do ecofeminismo: teoria, política, espiritualidade e comunidade. Os tópicos da obra de Diamond e Orenstein estão na categoria da história/mistério, política e ética e ativismo político. A ética ecofeminista em relação aos animais ou é marginalizada ou inteiramente negligenciada em ambos os livros, mas é mais plenamente abordada em *Rape of the Wild: man's violence against animals and the Earth*, de Andrée Collard e Joyce Contrucci (1989), e a relação entre a opressão das mulheres e dos animais é desenvolvida em *The Sexual Politics of Meat: a feminist-vegetarian critical theory*, de Carol Adams (1990). Finalmente, na edição de primavera de 1991 de *Hypatia: a journal of feminist philosophy*, que é dedicada ao "Feminismo Ecológico", estão incluídos ensaios sobre a relação do ecofeminismo com a libertação animal, a ecologia profunda, a prática literária, o ambientalismo e a política de base, assim como a relação entre identidade e natureza.

Outros textos são devotados exclusivamente à relação com do ecofeminismo com mulheres no terceiro mundo e "desenvolvimento" internacional. Dentre elas, está *Development, Crises, and Alternative Visions: third world women's perspectives*, de Gita Sen e Caren Grown, publicado pela Monthly Review Press em 1987, e *Staying Alive: women, ecology and development*, de Vandana Shiva, publicado por Zed Books, em 1988. Algumas editoras, como a Zed Books e a Westview, assim como a ISIS International, têm dedicado muita energia a publicar livros sobre mulheres em desenvolvimento, um tópico que é parte integrante do ecofeminismo.

Ecofeministas têm descrito muitas conexões entre as opressões das mulheres e da natureza que são significantes na compreensão da razão pela qual o ambiente é uma questão feminista e, reversamente, porque as questões feministas podem ser tratadas em termos de preocupações ambientais. Por exemplo, a forma pela qual as mulheres e a natureza têm sido conceitualizadas historicamente na tradição intelectual ocidental resultou na desvalorização de tudo relacionado à mulheres, emoções, animais, natureza e corpo, ao mesmo tempo elevando o valor do que se relaciona a homens, razão, humanidade, cultura e mente. Uma das tarefas das ecofeministas tem sido expor esses dualismos e as formas pelas quais a feminilização da natureza e a naturalização ou animalização das mulheres têm servido como justificativa para a dominação das mulheres, dos animais e da terra.

Outra conexão entre feminismo, libertação animal e ambientalismo tem sido feita através da documentação dos efeitos da poluição e da degradação ambientais nas vidas das mulheres e dos animais. Muitas escritoras apontam que pesticidas, resíduos químicos, chuva ácida, radiação e outros poluentes afetam primeiramente as mulheres e seus sistemas reprodutivos e as

crianças. Esses químicos prejudiciais são frequentemente testados inicialmente em animais de laboratório para determinar níveis de toxicidade; essa prática, assim como os enormes custos ambientais das fazendas industriais e do consumo de carne, demonstram as ligações entre a degradação ambiental e a opressão de animais não-humanos (especismo). O racismo e o classismo inerentes às estratégias de desenvolvimento primeiro-mundistas, construídas sobre uma ética para a produção econômica “doméstica”, mas outra ética para o Terceiro Mundo, resultaram em tremendas dificuldades para as mulheres, que são, com frequência, as principais provedoras de água, combustível e alimento nos países em desenvolvimento. Ao documentar a baixa qualidade de vida das mulheres, crianças, pessoas no Terceiro Mundo, animais e ambiente, as ecofeministas são capazes de demonstrar que o sexismo, o racismo, o classismo, o especismo e a opressão da natureza são sistemas mutuamente reforçadores da opressão. Ao invés de ser um movimento focado em uma única questão, o ecofeminismo baseia-se na noção de que a libertação de todos os grupos oprimidos deve ser buscada simultaneamente. É por essa razão que vejo as estratégias de construção de coalisões como sendo críticas para o nosso sucesso. Pois uma coisa é certa: as mulheres sozinhas não podem “salvar a terra”, precisamos dos esforços dos homens, também.

O que tem impedido as ecofeministas de se juntarem de coração aos ambientalistas até agora tem sido o receio dessa mistura presente no movimento ecológico. Por várias vezes, as mulheres que se juntam aos homens têm sido silenciadas ou relegadas aos tradicionais papéis femininos de apoio – como notado pela cofundadora do movimento Feministas pelos Direitos dos Animais, Marti Kheel. Um movimento que enxerga as preocupações das mulheres – ou de qualquer grupo oprimido – como algo “extra” a ser “integrado”, não pode esperar satisfazer nossas necessidades ou que dediquemos a ele nossas energias. Até que sua análise considere todas as formas de opressão, a construção de coalisões entre grupos de ativistas sociais e pelo ambiente pode ser a melhor forma de assegurar plena representação, enquanto se mantém a diversidade.

Conforme a espécie humana se aproxima da capacidade de aniquilar toda a vida neste planeta, se torna imperativo que desafie tanto os pressupostos ideológicos, quanto as estruturas hierárquicas de poder e dominação que servem, em conjunto, para manter a maioria dos habitantes da terra escravizados por uma minoria privilegiada. As ecofeministas buscam articular esse desafio. Nosso objetivo, ao escrever esse livro, é contribuir para a progressão do diálogo entre feministas, ecofeministas, abolicionistas animais, ecologistas profundos, ecologistas sociais – em suma, todos aqueles envolvidos em movimentos ecológicos radicais internacionais que são dedicados a criar um modo de vida sustentável para todos os habitantes da terra.